

Editorial

Há vários anos, podíamos assistir, nos intervalos televisivos, a uma peça publicitária que afirmava o ser humano como a máquina mais perfeita que existe, e que ao mesmo tempo projetava, produzindo equívoco, o que chamavam de a “segunda máquina mais perfeita do mundo”: o automóvel. O corpo-máquina, corpo-material, corpo-instrumento, corpo-mercadoria, corpo belo, corpo saudável e harmônico. Chegamos ao cúmulo de procedimentos estéticos, aplicados compulsivamente, chamados ironicamente de harmonização facial, quando, na verdade, produzem uma generalizada desarmonização, com rostos replicados com os mesmos traços. Claro que essas intervenções médicas e ditas “de saúde” uniformizam não apenas narizes, lábios, testas, mas o corpo todo e de todos. A antiga propaganda a que nos referimos usa ideologicamente um argumento antigo na história do pensamento.

A psicanálise nos lembra, comprova e demonstra, desde seus primórdios, que o corpo humano compartilha de uma variável que coloca nossa espécie em posição de exceção em relação às outras: somos desarmônicos com a natureza, e nosso corpo se estende para além de sua materialidade visível, mensurável e tátil. Nós incorporamos e damos corpo a um sem-número de coisas. Demonstramos que a ideia de evolução da espécie é uma noção moral, como nos diz Lacan.

Há muito pouco tempo — e parte dos textos que compõem o presente número de *Stylus* são efeito dessa experiência —, vivemos em nós mesmos e nos entes mais próximos as três formas de sofrimento às quais a humanidade está vulnerável, segundo Freud em seu *Mal-estar na cultura*. Vimos como somos frágeis diante das forças da natureza, e um “simples” vírus quase nos devastou. Felizmente, não sem muito conflito político, econômico e social, a ciência deu grandes avanços quanto ao tratamento da covid-19 e às estratégias de saúde pública. Pelo menos no Brasil, vemos que os analistas foram convocados em massa para intervir, de suas casas, com as tecnologias diferentes, a demonstrar que sua presença vai além de um espaço físico. Trata-se, evidentemente, de uma topologia que não pode se reduzir a uma *physis*. Se sofremos alguns ataques mais virulentos nos últimos meses, é também porque demonstramos nossa força e necessidade. A indústria tecnocientificista das *big pharma* tem todos os motivos para querer eliminar os psicanalistas do planeta, pois eles presentificam o que o mercado foraclui: as coisas do amor.

Longe de qualquer negacionismo científico ou pseudociência, a psicanálise sustenta a evidência de que funcionamos e nos satisfazemos a partir de forças extremamente poderosas, tanto no sentido do que há de mais sublime e vital quanto no que há de mais destrutivo. Quem não viu multidões comemorando e confraternizando sem máscara em plena pandemia? Quem não sente na pele o calor dos efeitos de um mundo ambientalmente à beira do precipício e que, ao mesmo

tempo, alimenta a indústria dos plásticos, do desmatamento e do petróleo? Quem não é beneficiado pelos avanços da tecnologia e da ciência? Quem não é e foi salvo pelos artistas nos mais profundos e obscuros tempos de isolamento social?

Estamos, portanto, em um tempo de elaboração. Muita coisa ainda há de vir. E os psicanalistas seguem tentando fazer frente aos desafios que se apresentam a eles. Este volume é mais uma contribuição às elaborações daqueles que dialogam com a psicanálise ou são contaminados por essa “peste”. O diabo do inconsciente insiste, e não há como exorcizá-lo.

Neste número de *Stylus*, que tem como tema *Corpo, substância gozante e topologia*, encontramos vários textos que abordam essas temáticas componentes de seu título.

Articulando a psicanálise com outros saberes, dessa vez com a filosofia e com a música, o texto “A voz no canto e a repetição: mais além da representação”, de Manuel Álvarez Huitrayao, apresenta o que chama “uma abordagem psicanalítico-filosófica sobre o que canta na voz quando essa canta”. Para isso, recorre aos conceitos psicanalíticos de repetição e pulsão invocante.

No artigo da colega Ingrid Figueiredo, “Do fenômeno psicossomático à substância gozante: efeitos da interpretação poética no corpo”, como o título apresenta, encontramos sua contribuição sobre o fenômeno psicossomático e sobre o corpo. No texto, seguindo o que Lacan apresenta em sua Conferência de Genebra, temos a articulação com a questão da escrita e o questionamento sobre os efeitos do ato analítico no que tange à interpretação poética e seus efeitos.

Em “Notas sobre o desejo do psicanalista”, Clea Ballao segue o desenvolvimento de Lacan em seu seminário sobre a transferência, especialmente na leitura do texto de Platão sobre o amor. Ademais, e inevitavelmente, Clea não deixa de tocar nos temas da ética da psicanálise e do luto do analista.

Yan Ferreira de Alencar, por sua vez, apresenta o produto de um cartel em um desenvolvimento acerca da articulação da temática do racismo e da psicanálise, mesmo considerando seus campos originários diversos em termos de categorias. Para isso, utiliza a noção de fantasia para suas considerações.

Ainda referido à questão da pandemia de covid-19, encontramos o texto “Mal-estar e novo normal: políticas e efeitos no corpo”, de Ingrid Rohem de Souza Santos e Priscylla de Magalhães Costa. Nele, questiona-se o “novo normal” e a relação do sujeito com a realidade.

Carla Maria Vieira Araujo, em seu texto “Qual o preço do amparo? Da alienação violenta no amor à mortificação da não escuta”, desenvolve seu questionamento sobre o que pode o psicanalista dentro de uma instituição cujo discurso tende ao universal. A autora tem como ponto de partida sua experiência em um dispositivo de uma rede socioassistencial voltado para mulheres em situação de violência.

Leonardo Lopes, em “YSL: litorais entre moda e discurso analítico”, apresenta-nos a abordagem inicial de uma pesquisa que articula moda e psicanálise, entendendo-se esta como uma forma de tratamento do corpo pela via da transferência.

Daniele Guilhermino Salfatis, por meio dos conceitos de identidade, sintoma e *Sinthome*, problematiza as questões de gênero, buscando orientar o “fazer clínica” sem que se caia no binarismo ou na patologização. O trabalho mantém e sustenta o compromisso com o que há de singular na nomenclatura, “colocando em cena a diferença absoluta” como orientadora da clínica.

Priscila Pesqueira de Souza se questiona sobre a questão do saber na psicose, trabalhando conceitos como narcisismo do desejo e escabelo.

Guardando alguma proximidade com o trabalho de Ingrid Figueiredo, o texto “Qual palavra faz corpo?”, de Aline Fiamenghi, também apresenta um desenvolvimento acerca da função poética em sua relação com o corpo. Para isso, aborda a ressonância do significante no corpo, trabalhado por Lacan desde o início de seu ensino. A autora chama de “corpoética” a articulação entre corpo e função poética, não sem fazer referência à ética do desejo.

Dando provas da presença da psicanálise na pólis e sua capilaridade em todo o país, especialmente nas redes de saúde mental e de políticas públicas do Sistema Único de Saúde (SUS), Ana Carolina Dias nos traz o texto “O giro discursivo e a política do falta-a-ser: o mais-um que não é o-mais”. A autora defende com a psicanálise a importância ética e política de sustentar o valor da singularidade a partir do lugar do analista. Ali, Ana Carolina propõe também a relação com o conceito de mais-um, proposto por Lacan quanto ao dispositivo do cartel.

No texto “O que traumatiza o corpo: sintoma, fantasia e trauma”, Juliana Sperandio Faria nos apresenta um artigo no qual resgata a questão do trauma quanto à sua relação com a fantasia, mesmo considerando eventos comumente tidos como traumáticos, como a pandemia de covid-19. Nesse trabalho, Juliana recorre a um interessante caso clínico para articular sua questão.

Já nossa colega de Fortaleza, Lia Silveira, lembra-nos da importância do estudo e do trabalho com a topologia em seu texto cujo título é “Você pode não saber topologia, mas a topologia sabe você (ou por que se predispor a esse estudo e sua aplicação clínica)”. Aqui, a autora, seguindo com seu trabalho de transmissão como membro de Escola, nos dá o testemunho clínico e teórico defendendo os avanços que a topologia permite à psicanálise.

Por fim, agradeço a Ana Laura Prates e a toda a Comissão de Publicação de *Stylus* por mais um número de nossa revista. É notório o árduo trabalho e esforço de todos na sustentação dessa aposta que articula do discurso analítico aos outros discursos. Sabemos da importância de *Stylus* como abertura ao diálogo com a comunidade científica e todos aqueles que mantêm alguma relação com a psicanálise.

Desejo a todos uma ótima leitura!

Sobral, março de 2022.

Luis Achilles Rodrigues Furtado